

# O professor na Educação Híbrida: Mediação

**AUTORA** MARÍLIA ROSSI

Neste texto, vamos pensar um pouco sobre mediação e o papel dos professores nesse modo de encarar a educação! Também sugerimos uma prática artística para que você reflita e se conecte consigo e com seu contexto!

Uma grande professora brasileira, Ana Mae Barbosa, lembra em seu texto “Mediação cultural é social” (2009), que o conceito de educação como mediação é muito antigo, no Ocidente, vindo lá de Sócrates, passando por Rousseau, John Dewey, Vigotsky. Na contemporaneidade temos as teorias socioconstrutivistas, as tecnologias digitais e a insubstituível prática do contato com o mundo e com as pessoas, que Paulo Freire já dizia há muito.

Segundo a teoria de Vigotsky, a aprendizagem se estrutura a partir da mediação em um método experimental guiado pela linguagem, pelos estímulos (instrumentos e signos) e pelas interações entre pessoas e com o meio (VIGOTSKY, 1998). Uma das frases clássicas do educador Paulo Freire também nos diz que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo” e sim, as pessoas “se educam entre si, mediatizadas pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 79).

Ao final desse texto você encontrará referências teóricas para pesquisar e se aprofundar nesse tema, pois acredito que agora o mais importante é entender: “tá bom, o que eu faço então nessa história, por onde eu começo, como é na prática?”, até mesmo para você conseguir realizar recortes para seus estudos futuros.

Quando falamos das habilidades do professor mediador, sobretudo no ensino híbrido, estamos falando de uma mudança de postura em que o educador sai do centro do processo de ensino. Nesse sentido, o professor se torna:

- desenhista de caminhos de aprendizagem;
- influenciador ético;

- referência didática;
- apoio emocional;
- orientador de pesquisa;
- facilitador;
- motivador de aprendizagens;
- mediador;
- colaborador ativo.

Portanto, é importante que o professor tenha habilidades de escuta, de afetividade, de demonstração de confiança no potencial dos estudantes, sempre garantindo o respeito à diversidade entre todos e todas, garantindo que tenham espaço de fala, mediação de conflitos e oportunidades de protagonismo real na construção do seu conhecimento.

O professor, muitas vezes, se vê também no lugar de um curador de conteúdos, de modo a adaptar maneiras em que seus estudantes possam aprender mais e melhor, em suas diversidades e potencialidades, conectando e contextualizando áreas do conhecimento.

Nesse sentido, faz parte não só do trabalho do professor, mas também da gestão, o estímulo a projetos cooperativos e colaborativos que envolvam os diferentes agentes da comunidade escolar, sempre tendo em vista a desconstrução de como o erro é encarado na sociedade, promovendo a flexibilidade e abertura a novas práticas pedagógicas.

Desse modo, estudantes, professores, gestão e comunidade escolar se tornam cada vez mais criadores de suas práticas, sujeitos reflexivos sobre suas realidades e produtores de soluções para desafios comuns, através da aprendizagem, da criatividade e do espírito de grupo.

Muitas outras ideias e modos de ensinar e aprender podem surgir das especificidades da relação entre docência, aprendizes e objeto de estudo, visto que as tecnologias, as relações humanas e os recursos de aprendizagem estão em constante transformação. Isso exige que o professor compreenda que ele não é mais apenas a pessoa que fica à frente de uma sala de aula organizada em fileiras, em que sua tarefa é expor conteúdos e corrigir provas. Mais do que professor, é necessário assumir-se educador e aprendente, rompendo as amarras de autoritarismo e criando uma cultura de colaboração – com certa autoridade por conta de sua responsabilidade diante da turma, mas sem que isso signifique hierarquização das relações entre docentes e aprendizes.

No glossário do Centro de Referência em Educação Integral<sup>1</sup> são destacadas as principais características de um professor mediador, sobretudo com as tecnologias digitais, propostas pelo professor e psicólogo Reuven Feuerstein (1921-2014):

- **Intencionalidade e reciprocidade:** adaptar linguagens para o respeito, a compreensão e a consciência do aprender;
- **Transcendência:** aplicabilidade do conhecimento na realidade prática;
- **Mediação com significado:** realizar conexões com outros saberes e ampliar repertórios.

Contemplar projetos, aulas e círculos de cultura com tantas características só é possível com métodos, planejamento e práticas direcionadas, que vamos estudar mais adiante. Agora, fiquem com uma reflexão sobre a mediação pela Arte, com uma atividade opcional de sensibilização e pausa.

## A mediação pela Arte

Para pensarmos mais sobre as ideias de mediação, vamos utilizar uma das maiores mediadoras entre os seres humanos e o mundo: a arte.

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva ou a científica. (...) Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade percebida e desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2009, p. 21)

Para falar de mediação a partir da arte é importante refletirmos sobre a trajetória dos estudantes enquanto produtores participativos ao longo dos anos escolares e questionarmos por que, no decorrer do percurso educacional, a arte vai deixando de ter espaço. Pode ser que se peça a um adolescente para fazer algo que fazia na infância e ele diga que não sabe mais. Pode ser que educadores ensinem coisas que não fazem, ou a partir de lugares que não experimentam.

Apesar de serem pesquisas voltadas à educação infantil, as experiências da Reggio Emília, por exemplo, nos colocam diante de práticas completamente possíveis para diversos segmentos no que tange à exposição de ideias, à escuta, à representação mental, à

---

<sup>1</sup> <https://educacaointegral.org.br/glossario/professor-mediador/>

criatividade, à cognição, ao valor da diversidade, à aprendizagem colaborativa, ao compartilhamento (GANDINI, 2012).

Como a inventividade e a criatividade podem fazer parte do cotidiano de aprendizagem de crianças e adolescentes? Como o educador pode ser criativo e inventivo? De onde partir? Por onde começar?

Como diz o poeta Sérgio Vaz, “revolucionário é todo aquele que quer mudar o mundo e tem a coragem de começar por si mesmo”...

## **Experimente na prática**

### **ATIVIDADE OPCIONAL**

#### **Mediação pela Arte: Sugestão de prática a partir da Pedagogia dos Dispositivos**

Como estão nossos olhares para os lugares onde trabalhamos, vivemos, caminhamos? De que maneira podemos realizar práticas de sensibilização a nós mesmos e aos nossos estudantes?

Nessa sugestão de atividade, a provocação para os detalhes do nosso cotidiano e da nossa comunidade podem ganhar vida através do seu olhar!

Essa atividade é uma sugestão apenas, mas também um convite para você espiar sua relação com você mesmo(a) e com o mundo pelas lentes do seu celular e da sua alma!

Bora?

**CLIQUE AQUI PARA ACESSAR A ATIVIDADE >**

# O papel do professor na educação híbrida

Acompanhando as transformações do mundo, é necessário que o educador reflita sobre suas práticas docentes, transformando-as também quando necessário, de modo a acompanhar os contextos em que atua. Sobretudo durante e após o período histórico da pandemia de Covid-19, as instituições formadoras, seus gestores e docentes passaram por inúmeros desafios. Ficaram para trás há muito tempo a tradição positivista, o ensino instrumental, as cartilhas, e agora é imprescindível que passemos de práticas controladoras, dissociativas, quantitativas e focadas em resultados, para um olhar sobre o processo, para a educação dialógica, crítica e reflexiva, e para a avaliação do processo enquanto construção social e democrática.

Na aprendizagem híbrida para uma educação integral, é comum que o educador se questione: O que ensinar? Como ensinar? Como avaliar? Até onde vai o papel do professor e onde começa a autonomia do estudante?

No contexto de uma educação democrática em que os estudantes estão no centro do processo (JOLIBERT, et al. 2007):

- O professor ensina caminhos, conduz procedimentos, faz boas perguntas, desenha roteiros, realiza junto a partir da problematização do objeto de estudo e da realidade social, não mais como um ensino com fim em si mesmo, mas como um meio para transformação;
- Reconhecendo a didática como campo científico de conhecimento e da ação pedagógica, o educador se vale de ferramentas, dispositivos, recursos e da interação para que os próprios aprendizes construam seus projetos de estudo;
- A avaliação se dá no processo e é utilizada não para verificação de aprendizagem pura e simples, mas para programar os próximos passos, para refletir sobre as escolhas e consequências do processo, para indagar seus objetos de estudo e desempenharem papel ativo na relação com o conhecimento e com a realidade;
- As práticas não são mais meras atividades e sim conexões entre partes do processo;
- Todos participam de todo o processo em uma educação democrática;
- O currículo não é mais uma imposição autoritária, de um grande sistema esmagando escolas, gestores, educadores e alunos, mas uma proposta de trilha de conhecimento;
- O planejamento parte não mais apenas do professor, portanto, o professor passa a ser um mentor da construção de conhecimento através do desenvolvimento de metodologias que levarão o aluno a construir seus saberes.

Trata-se de desconstruir a imagem da escola e do estudo como a existência de um transmissor a vários receptores, pois o trabalho docente exige um esforço acadêmico e de questionamento constante, tanto sobre suas referências como sobre o contexto (JOLIBERT, et al. 2007), logo, o papel do professor é ser o mediador entre os objetos de estudo e o estudante por meio de boas estratégias.

E o aluno? “A prática dos estudantes dá-se nos trabalhos de campo e se compreende e interpreta como espaço de ligação com o real, de onde emergem as perguntas à teoria” e, com isso, “gera uma reflexão crítica acerca do saber acumulado” (JOLIBERT, et al. 2007) e, também, do saber não-acadêmico ou não sistematizado.

Para dar conta de toda essa nova postura diante de sua profissão, é preciso que o professor tenha consciência de que alguns conceitos caminharão de mãos dadas a partir de então: a interdisciplinaridade, a contextualização, a pesquisa, o universo digital, a “mão na massa”.

## # Saiba mais

Se quiser saber mais sobre mediação e sensibilização pela Arte para explorar mais esses recursos com seus estudantes

A sensibilização como caminho de mediação inicial:

- André Gravatá e Serena Labate são os criadores do “sorver versos”, projeto que une diversas publicações e iniciativas que vão da inovação à poética na educação. Nesse link você consegue acesso a publicações livres e gratuitas: <https://www.sorverversos.com/livre>
- Texto do professor Silvino Santin (UFSC), sobre educação e sensibilidade: [https://labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao\\_e\\_Sensibilidade.pdf](https://labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao_e_Sensibilidade.pdf)
- No livro “Quando eu voltar a ser criança”, o educador polonês Janusz Korczak narra a experiência de vivência do mundo e da educação pelo ponto de vista de uma criança.

# Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Mediação cultural é social**. In: BARBOSA, Ana Mae;

COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 13-22.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

Gonçalves JE, Richartz T. **Aplicabilidade da teoria da experiência da aprendizagem mediada de Reuven Feuerstein na educação a distância**. Rev. Psicopedagogia 2018; 35(107) : 203-216, Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/565/aplicabilidade-da-teoria-da-experiencia-da-aprendizagem-mediada-de-reuven-feuerstein-na-educacao-a-distancia>. Acesso em: 07/08/2021

JOLIBERT, Josette. et al. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JOLIBERT, Josette. et al. **Transformando a formação docente: uma proposta didática em pesquisa-ação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. 18.ed. São Paulo: Summus, 1992. 117 p.

MIRANDA, R.V.; MORET, A.S.; DA SILVA, J.C.; SIMÃO; B.P. **Ensino Híbrido: Novas Habilidades Docentes Mediadas pelos Recursos Tecnológicos**. EaD em Foco, V10, e913. 2020. Disponível em <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/913/520>. Acesso em: 15/08/2021.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.